

O SIGNIFICADO DAS ATIVIDADES GRUPAIS PARA USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL *

The meaning of group activities for users of a Psychosocial Care Center

El significado de las actividades grupales de usuarios de un Centro De Atención

Psicosocial

Gisely Gabrieli Avelar Castro

Terapeuta Ocupacional. Universidade do Estado do Pará, UEPA, Belém, Brasil.

giselyavelarto@gmail.com

Paloma de Lima Mendes Medeiros de Souza

Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará, UEPA. Belém, Brasil.

palomamendes.to@gmail.com

Airle Miranda de Souza

Docente da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, Brasil.

airlemiranda@gmail.com

Victor Augusto Cavaleiro Corrêa

Docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

victorcavaleiro@gmail.com

Resumo

No campo da saúde mental, os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS se destacam por serem um serviço de base territorial com diversas possibilidades de intervenção, dentre as quais destacamos as atividades de grupo para os usuários de um CAPS, baseado na perspectiva da Ciência Ocupacional. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, utilizando a entrevista aberta com onze usuários do serviço, e observação livre com registro em diário de campo de cada atividade grupal. A análise do conteúdo das entrevistas indicou as atividades de grupo como estratégia importante na assistência em saúde mental, enquanto espaço de expressão e partilha de experiências e sentimentos, favorecimento das relações sociais e da autopercepção que influenciavam em sua saúde. Observou-se também que funcionavam como estratégia terapêutica relevante para o cuidado em saúde mental, pois permitiam satisfação pessoal e preenchiam o tempo dos usuários significativamente, de modo que viabilizou a discussão da possibilidade ocupacional veiculada por meio dos grupos. Nesse sentido, este estudo possibilitou a articulação entre as ações da Terapia Ocupacional, ancoradas na Ciência da Ocupação, impulsionando refletir sobre a fundamentação teórica e outros campos do conhecimento científico na área, sendo um horizonte que pode nortear as práticas dessa profissão, além de incitar a reflexão de modos distintos de compreender as ocupações humanas, nos quais as atividades em grupo podem se constituir como possibilidade ocupacional.

Palavras-chave: Ciência da ocupação; Prática de grupo; Saúde mental; Terapia Ocupacional.

332

Abstract

In the field of mental health, the Psychosocial Care Centers - CAPS stand out as a territorial base service with several possibilities for intervention, among which we highlight the group activities, so in this study, we seek to understand the meaning of group activities for The users of a CAPS, based on the perspective of Occupational Science. A qualitative research was carried out, using the open interview with eleven users of the service, and free observation with recording in field diary of each group activity. The analysis of the interview content indicated group activities as an important strategy in mental health care, as a space for expressing and sharing experiences and feelings, favoring social relations and self-perception that influenced the participant's health. It was also observed that they allowed personal satisfaction and filled users' time significantly, so that the discussion of the occupational possibility conveyed through the groups was feasible. In this sense, this study also allowed the articulation between the actions of Occupational Therapy, anchored in Occupational Science, impelling to reflect on the theoretical foundation used in the profession and this Science as a possibility, a horizon that guides the occupational therapeutic practices, besides inciting Reflection of different ways of understanding human occupations, in which group activities may constitute an occupational possibility.

Keywords: Occupational science; Group practice; Mental health; Occupational therapy.

Resumen

En el campo de la salud mental, los Centros de Atención Psicossocial - CAPS se destacan por ser un servicio de base territorial con diversas posibilidades de intervención, entre las cuales destacamos las actividades grupales, por eso en este estudio, buscamos comprender el significado de las actividades grupales para los usuarios de un CAPS, basado en la perspectiva de la Ciencia Ocupacional. Se realizó una investigación cualitativa, utilizando la entrevista abierta con once usuarios del servicio, y observación libre con registro en diario de campo de cada actividad grupal. El análisis del contenido de las entrevistas indicó las actividades grupales como estrategia importante en la asistencia en salud mental, como espacio de expresión y compartir experiencias y sentimientos, favorecimiento de las relaciones sociales y de la autopercepción que influyen en la salud de los participantes. Se observó también que permitían satisfacción personal y llenaban el tiempo de los usuarios significativamente, de modo que viabilizó la discusión de la posibilidad ocupacional vehiculada por medio de los grupos. En este sentido, este estudio también permitió la articulación entre las acciones de la Terapia Ocupacional, ancladas en la Ciencia Ocupacional, impulsando reflexionar sobre la fundamentación teórica utilizada en la profesión y esta Ciencia como una posibilidad, un horizonte que nortee las prácticas terapéuticas ocupacionales, además de incitar a Reflexión de modos distintos de comprender las ocupaciones humanas, en las cuales las actividades grupales pueden constituirse como posibilidad ocupacional.

Palabras clave: Ciencia ocupación; Práctica de grupo; Salud mental; Terapia ocupacional.

1 INTRODUÇÃO

O campo da saúde mental tem diversos dispositivos que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), consistindo em serviços de baixa, média e alta complexidade. Dentre eles, podemos destacar os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), dispositivos de média complexidade, compreendidos por Santos¹ enquanto espaços de novas práticas, que acolhem as pessoas em sofrimento psíquico e suas famílias, promovendo integração, participação social e familiar, com iniciativas que busquem autonomia de seus usuários através do suporte clínico e terapêutico de uma equipe multidisciplinar.

Segundo o Ministério da Saúde², o CAPS se constitui de um ambiente em que os usuários executam várias atividades que estimulam o exercício da autonomia, da independência, da experiência conjunta entre usuários, profissionais envolvidos e familiares, no enfrentamento dos problemas. São utilizadas estratégias e ações intersetoriais que envolvam educação, trabalho, esporte, cultura e lazer de acordo com interesses e necessidades dos usuários.

Em meio às estratégias desenvolvidas, as atividades de grupo merecem destaque, pois se constituem como modalidade de intervenção mais utilizada nessas instituições, seguindo as diretrizes vigentes do modelo de Atenção Integral em Saúde Mental no Brasil, no âmbito da média complexidade. Brunello e Welfort³ afirmam que o grupo funciona como uma caixa de ressonância de afetos, no qual as pessoas são capazes de se reconhecerem em sua singularidade e de ampliarem suas possibilidades de vivências através do “fazer junto”, ou seja, a trama grupal proporciona uma rede de afetos.

Desse modo, considera-se que as atividades de grupo são importantes no CAPS, na condição de tecnologia de cuidado em saúde mental, pois como aponta o Ministério da Saúde “o processo grupal, desde que bem pensado em sua finalidade, estrutura (etapas da atividade, tarefas da atividade) e manejo (condução de grupo, coordenação, devolutivas), permite uma rica troca de experiências e transformações” (p.121)⁴. Vivências que são capazes de transformar as vidas dos usuários através de ações que sejam significativas.

Afirmar que as atividades grupais e a Terapia Ocupacional contribuem a partir de suas especificidades na área da Saúde Mental não é novidade. Estudos como o de Maximino⁵, fazem essa interseção ainda na atualidade. De modo que a pesquisa é referência sobre grupos no campo da Terapia Ocupacional, pois além de reafirmar o uso dos grupos como método muito presente nas práticas da Terapia Ocupacional, a autora também considera que a partir da experiência com pessoas em sofrimento psíquico, os grupos funcionam melhor com associações entre temas e atividades, fenômeno também denominado pela autora como “caixa

de ressonância”, que além de ser Espaço Potencial, é capaz de fomentar a autonomia dos participantes.

Corroborando com esta perspectiva, a Associação Americana de Terapia Ocupacional-AOTA⁶ considera que as ocupações são atividades cotidianas que as pessoas realizam para ocupar seu tempo e trazer significado e propósito à vida, e esse engajamento possibilita saúde, bem-estar e participação social.

No que concerne ao objeto de interesse da Terapia Ocupacional que envolve as questões ocupacionais humanas, considerou-se o fato do homem possuir uma natureza que necessita fundamentalmente do envolvimento em ocupações. Estas ocupações, por sua vez, estão relacionadas às funções de manutenção da vida, da saúde, da qualidade do viver e da satisfação de necessidades rotineiras. Neste sentido, as ocupações são fundamentais à vida humana, pois refletem significados pessoais e culturais, estruturam o dia a dia das pessoas e são capazes de fornecer sentido à existência⁷.

A motivação para esse estudo surgiu a partir das experiências na graduação em Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental, e a partir das reflexões sobre as possibilidades de intervenção com os usuários do CAPS e o reconhecimento da prática grupal como uma ferramenta importante no cuidado com as pessoas em sofrimento psíquico nessa instituição. Surgiram, portanto, algumas indagações como: O que os usuários pensam e sentem sobre sua participação nessas ações? E qual a importância que as atividades grupais possuem para eles?

Essas questões levaram ao objetivo de compreender o significado da atividade de grupo para os usuários de um CAPS, buscando entender as atividades de grupo não apenas como uma ação interventiva, mas compreender o que de fato significa essa possibilidade ocupacional para os que a vivenciam.

Partindo para outra vertente reflexiva envolvendo as questões epistemológicas da Terapia Ocupacional, têm sido levantadas problematizações quanto à dependência da profissão com relação a outros campos do conhecimento científico, não na busca de ignorá-los, mas alertando para o risco de forjar teorias e perspectivas que vestem bem nos campos de onde surge, o que não necessariamente, contemplará o campo da Terapia Ocupacional.

Nesse sentido, percebemos que é relevante para a profissão apropriar-se de fundamentações teóricas próprias, para explicar, compreender ou problematizar sobre as ocupações humanas e as ações desenvolvidas pelo terapeuta ocupacional, assim como é relevante que os profissionais construam fundamentações contextualizadas com a realidade nacional, para não reproduzir conhecimentos que tenham pouca relação ou que não

respondam com efetividade ao contexto brasileiro e suas regionalidades, que também revelam especificidades.

Essa afirmativa não desqualifica as demais ciências e áreas do conhecimento, ou nega a necessidade de dialogar e fazer leitura reflexiva destas, porém busca lançar um olhar crítico sobre a realidade de fundamentação em Terapia Ocupacional, na qual as fontes são quase exclusivamente de outras ciências. Não seria possível consultar uma ciência mais próxima da perspectiva da nossa profissão?

Por isso considerou-se oportuno, ampliar o olhar do terapeuta ocupacional sobre as ações da profissão e suas particularidades, para que seja possível construir fundamentações teóricas próprias, assim como, outras ciências fizeram e tem feito. Para tanto, neste estudo os dados serão discutidos e refletidos a partir da perspectiva da Ciência Ocupacional, oriunda dos fundamentos da Terapia Ocupacional - a qual se debruça sobre a relação entre o homem e suas ocupações.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

335

Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de orientação fenomenológica, que utilizou como instrumentos: a observação com registro em diário de campo e aplicação de entrevista aberta com usuários de um CAPS.

Para Minayo⁸, a pesquisa qualitativa pode ser usada para compreender, descrever e desenvolver teorias relativas a um fenômeno ou a um *setting*, a fim de interpretar o sentido que uma pessoa atribui e descreve ao fenômeno em foco. Este método de pesquisa possibilita a emergência de aspectos novos e o esclarecimento de significados, a partir da perspectiva da pessoa, favorecendo a descoberta de novas conexões.

Pimentel *et al*⁹ apontam que a abordagem fenomenológica objetiva a compreensão das significações que as pessoas fornecem as suas experiências, enfatizando a relevância dessas experiências. Nesse contexto, tal abordagem foi utilizada uma vez que o estudo tratou de compreender os significados fornecidos por usuários do CAPS às atividades de grupo das quais participavam.

O estudo foi desenvolvido no CAPS localizado na cidade de Belém, estado do Pará, teve como participantes onze usuários, sendo seis do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idade entre 26 e 59 anos. Os participantes tinham grau de escolaridade do ensino

fundamental incompleto ao superior incompleto e a maioria pertencia ao nível socioeconômico baixo.

Utilizou-se como critérios de inclusão dos participantes, que estes fossem maiores de 18 anos, de ambos os sexos, independente do grau de escolaridade, contudo que estivessem inseridos em alguma atividade grupal da instituição e desejassem participar da pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Ressalta-se que os participantes optaram por integrar o estudo, a partir da assinatura do TCLE, com inserção voluntária e sem nenhum tipo de recompensa. A todos foi garantido o direito de se retirarem da pesquisa assim que desejassem, sem qualquer forma de represália ou prejuízo quanto aos atendimentos no serviço. Garantiu-se também, o sigilo das informações e para tanto, os participantes foram identificados por nomes próprios aleatórios, com vistas a preservar suas identidades.

A coleta de dados ocorreu no período de março a julho de 2010, totalizando 18 encontros, que foram realizados nos seguintes grupos da instituição: Grupo de Expressão Corporal, Grupo de Expressão Livre, Grupo de Terapia Comunitária e Grupo de Referência Técnica (GRT) - estes tinham como técnico responsável os terapeutas ocupacionais do CAPS - além do acompanhamento do evento alusivo ao Dia das Mães, reunião em Assembléia Geral do serviço e o encontro dos Conselhos Gestores dos CAPS de Belém.

No que tange aos grupos acompanhados, destacamos as propostas desenvolvidas nos grupos em que os participantes estiveram mais presentes. O Grupo de Expressão Corporal, realizado uma vez por semana, desenvolvia atividades para os usuários que se encontravam em situações clínicas ou advindas do esquema medicamentoso que interferiam em seus aspectos psicomotores e utilizava o corpo como ferramenta de intervenção. Enquanto os Grupos de Expressão Livre desenvolviam atividades diversas, como: manuais, artísticas, expressivas, psicopedagógicas e corporais, buscando favorecer, principalmente, aspectos cognitivos e psicoemocionais dos participantes.

Por sua vez, os Grupos de Referência Técnica (GRT) eram encontros semanais entre os usuários, familiares e os profissionais (técnicos de referência da instituição) que acolhiam os usuários do CAPS desde sua entrada no serviço. Nesses grupos, buscava-se monitorar e discutir todas as questões relacionadas ao processo de cuidado dos usuários, como consultas, terapias realizadas na instituição, questões medicamentosas e outras situações de ordem familiar sob a orientação e supervisão do técnico de referência.

Por fim, o Grupo de Terapia Comunitária que era desenvolvido a partir de um tema/problema pessoal levantado por um participante e que era discutido pelo grupo na

perspectiva de pensar possíveis alternativas para sua resolução, em que o coordenador era apenas o mediador nessa relação e reflexão.

No que se refere às entrevistas, ressalta-se que estas possuíam a seguinte pergunta norteadora: “Gostaria de saber, qual o significado das atividades de grupo que você realiza aqui no CAPS?”, a qual permitia realizar outros questionamentos a partir do que não ficasse tão claro na fala do entrevistado e/ou chamasse atenção da pesquisadora e fosse relevante para os objetivos da pesquisa. Rocha e Brunello¹⁰ afirmam que a entrevista aberta ou não-diretiva, consiste em um mecanismo em que se obtêm informações com base no discurso livre da pessoa entrevistada.

As informações obtidas nas entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. Posteriormente foram analisadas segundo a técnica de análise do conteúdo de Bardin¹¹, que se inicia pela leitura flutuante do material e criação de núcleos de significação ou conteúdos, os quais foram agrupados em categorias, organizados e apresentados neste artigo em duas seções: 1- O que dizem os usuários de um Centro de Atenção Psicossocial sobre o significado das atividades de grupo? 2- Atividades grupais enquanto ocupação? Uma análise a partir dos relatos dos usuários do CAPS.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1.O que dizem os usuários de um CAPS sobre o significado das atividades de grupo?

Os participantes identificaram as atividades realizadas em grupo como **recursos essenciais no processo de cuidado**, visto que somente a terapia baseada em fármacos não era suficiente para que pudessem alcançar melhores resultados, como observamos nas falas a seguir:

“Porque sem esses grupos que a gente frequenta aqui, que a gente vem participar, eu acho que a gente não chegaria muito longe assim... somente com o remédio é um pouco difícil, né? A gente têm que ter as nossas atividades (...)” (CLARICE); “Pra mim é importante, porque é todo um conjunto, não é só a parte medicamentosa, mas também as atividades... faz parte... do tratamento, né?...” (AGATHA).

Para os entrevistados havia uma interseção entre a experiência grupal e o seu processo de tratamento.

“Bem, pra mim, resumo uma autoajuda! Como, por exemplo, hoje eu cheguei muito tensa e de repente, parece assim que foi aliviando tudo, né? Então pra mim, é muito importante pra minha saúde. [...] eu saio daqui assim bem menos tensa e às vezes saio até bem mesmo [...]” (CARMEN). “Uma coisa que eu não conseguia ficar concentrado, eu já tento ficar um pouco mais concentrado [...]” (CHARLES). “É importante pra nossa saúde mental [...] e pra nossa vida, em todos os sentidos. [...] Agora eu ‘tô’ mais alegre, ‘tô’ mais feliz... Porque antes eu era mais fechada, assim, pra conversar...” (VIVIAN).

Mielke *et al*¹² destacam que a assistência às pessoas em sofrimento psíquico deve considerar um olhar para além dos procedimentos clínicos, mas também na abertura de espaços de convivência e criação, oferecendo-lhes outras possibilidades no cuidado que são fundamentais. As afirmativas dos participantes, descritas anteriormente, apontam que as atividades de grupo, complementavam a ação medicamentosa. Desta forma, compreendemos que há uma confluência entre a experiência grupal e o processo de tratamento dos entrevistados.

Maximino e Liberman¹³ ratificam essa ideia ao referir que nos espaços grupais, os usuários têm a possibilidade de exercitar suas habilidades sociais e estender as novas aprendizagens para além do grupo. Além disso, contribuem para lidar com situações inerentes ao transtorno sofrido, logo, influenciam positivamente no processo de cuidado desses usuários.

Os participantes desta pesquisa apontaram também que as atividades grupais eram significativas, pois **constituíam-se enquanto espaços para compartilhar sentimentos e experiências**, como expresso pelos usuários ao destacarem o grupo enquanto um espaço que proporcionava alívio de sentimentos como, angústia e tristeza, e permitia que seus integrantes se sentissem melhor, como evidenciado a seguir:

“(...) É o lugar onde a gente desabafa, chora, ri... Então eu acho muito importante!” (MARCIO). “(...) no grupo, a gente expõe tudo aquilo que está acumulado, (...) dentro da gente, que em casa a gente não tem como se comunicar com as pessoas (...)” (CLARICE). “[...] a gente vem, ‘bota’ todas as nossas dificuldades psicológicas e tudo [...]” (PAULO); “[...] proporciona [...] que a pessoa extravase o sentimento e sensações de raiva, de angústia, de tristeza, de [...] nervosismo mesmo...” (VICENTE).

Dentre as contribuições permitidas pelas atividades grupais, Frateschi e Cardoso¹⁴ destacam a potência inserida na possibilidade de pessoas compartilharem situações que vivenciam e trocaram experiências, resultando no fortalecimento dos vínculos e laços de confiança entre seus participantes.

Outro significado atribuído às atividades de grupo envolvia **a valorização da conduta acolhedora adotada pela equipe profissional e que se evidenciava no grupo**. Nesse sentido, o acolhimento por parte da equipe se tornou fundamental como explicita os depoimentos de Paulo, Miguel e Márcio, respectivamente:

“(...) a gente é abraçado por todos os profissionais...”; “(...) Todos eles [equipe] me tratam bem, eu me sinto bem aqui!”; “Tentar lembrar, também, das pessoas que nos ajudam muito! Os professores [equipe técnica], os médicos... Tudo aqui é uma equipe, é uma família, então isso aqui é muito bom, muito prazeroso!”.

O acolhimento realizado pela equipe multidisciplinar é considerado por Santos *et al*¹⁵ como valorizador da escuta e tem a finalidade de qualificar a relação entre equipe e usuário, com vistas à integralidade do cuidado. Essa estratégia que se configura como manejo e forma de cuidado em saúde mental, é caracterizada por Santos *et al*¹⁶ como condutas que objetivam o estreitamento das relações interpessoais nos serviços de saúde.

Compreende-se que os grupos contribuíram para a percepção positiva dos participantes desse estudo com relação à abordagem grupal, demonstrando que os mesmos podem ser estimuladores do envolvimento do usuário no processo de tratamento e/ou assistência, bem como, serem capazes de integralizar a rede de cuidados, fatores esses que são influenciados pela forma como percebem seu envolvimento nos grupos.

Na pesquisa, a autorregulação grupal também foi destaque nos relatos dos participantes, salientando outro significado conferido às atividades de grupo: **proporcionar suporte e manejo para as necessidades evidenciadas no processo grupal**, como exposto nas seguintes falas:

“(...) a gente divide ali problemas, coisas que nós passamos que às vezes (...) a gente acha que só é a gente que passa e aí a outra pessoa do grupo fala do teu mesmo problema, da mesma situação que tu ‘tá’ vivendo e aí te dá uma força, te fala uma palavra de incentivo, uma palavra (...) até uma solução, às vezes, pra aquele problema” (AGATHA); “... E, escutar o que cada um tem pra dizer de proveitoso, dentro de uma terapia de grupo, nos faz achar que não somos únicos...”(NAPOLEÃO); “Porque todas as pessoas aqui reunidas têm alguma

doença, têm algum problema, certo? Então, é muito importante [...] A gente acaba conhecendo um ao outro, ajuda um ao outro aqui ao mesmo tempo [...]" (MARCIO).

Segundo Schrank e Olschowsky¹⁷ o movimento de autorregulação refere-se à capacidade de viabilizar e acompanhar questões que emergem no desenrolar do grupo, por meio de ações que os próprios integrantes realizam, no qual o papel do profissional é apenas direcionar as discussões ou exposições.

Nesse sentido, a autorregulação grupal foi referida por um número significativo de participantes da pesquisa. Embora não utilizem esta nomenclatura, percebeu-se que ao fazerem suas afirmações, evidenciavam a compreensão de que o grupo e o manejo dele eram potencializados principalmente pelos usuários e não pelo profissional. Esse movimento também pôde ser observado na coleta de dados em grupos como Expressão Livre e Expressão Corporal, nos quais o profissional participava mais na condição de mediador nas conduções das etapas das atividades.

Um grupo com funcionamento satisfatório é aquele capaz de proporcionar a seus integrantes confiança suficiente para que possam experimentar o encontro com outras ideias, objetos e pessoas, espaço no qual se torne possível a ampliação da sensação de conexão, de estar junto com o outro³. Assim, observou-se a partir das falas dos entrevistados, a busca do manejo do sentimento de incapacidade diante das dificuldades, o que os incitava para o desenvolvimento de possíveis alternativas, por possuir vários olhares direcionados para um problema em comum. Essa experiência também fomentava a crítica e análise individual de questões relacionadas à família, valores, hábitos e ao adoecimento psíquico.

“É muito importante você participar das oficinas e das oficinas de grupo [...] é que você entende, é o que você ‘tá’ passando, é o que você ‘tá’ contando, o que ‘tá’ sentindo ou deixa de sentir ou não...” (CHARLES); *“... a minha família é tudo pra mim, mas a gente não têm uma aproximação um do outro, né? A gente não têm aquele carinho, não têm aquele [...] o hábito de acordar e dizer ‘bom dia’ um pro outro [...] a gente não têm o hábito de sentar e tomar café todo mundo junto... aqui dentro a gente aprende a dar valor a cada coisa por mais que seja [...] coisas banais, coisas minúsculas a gente passa a dar valor ... A vida, a ter alegria, a amar as pessoas com que a gente convive, a família, enfim...”* (PAULO).

Para os pacientes entrevistados, o ambiente grupal também funcionou como um espaço de convivência, onde a **participação social era estimulada** a partir do estabelecimento ou manutenção das relações sociais. A diversidade de pessoas que compunham esses espaços permitiu, aos participantes, flexibilidade para a convivência entre si, e na sociedade em geral, como observado nos relatos a seguir:

“Na minha vida com a minha família... melhorou tudo... A convivência [...]” (VIVIAN); “Porque estão me ajudando a voltar pra sociedade... Aprendendo a lidar, de novo, como ser humano, porque nós somos seres humanos, apesar das doenças que nós temos aqui no CAPS (...)” (MARCIO); “É muito importante você participar das oficinas, e das oficinas de grupo, é que você se relaciona bem com as pessoas...” (CHARLES).

Segundo Bedell¹⁸, a participação social consiste no envolvimento em um subconjunto de atividades que envolvem situações sociais com os outros, seja na comunidade, em pares, com amigos e/ou familiares. No caso dos pacientes de saúde mental, comumente, a participação social está comprometida e o CAPS, habitualmente, torna-se um dos únicos locais de convivência que permite as trocas e o convívio social, possibilitando inclusive, a aproximação da família nesse processo.

É importante destacar que através da participação ativa em grupos é possível perceber interesses e mudanças nas relações inter e intrapessoais, tornando este espaço um lugar de encontro e de produções subjetivas, a partir do contato com o outro, podendo gerar novas perspectivas para suas experiências de vida e produção de novos sentidos e ressignificações para o adoecimento psíquico¹³.

Nesse contexto, compartilhar vivências proporcionava aos usuários entrevistados possibilidades de aprendizagem e reflexões referentes aos relacionamentos interpessoais, os quais sofreram interferências pelo processo de adoecimento psíquico.

O engajamento em ocupações significativas é importante na vida de qualquer pessoa. Nesse estudo, o envolvimento em atividades de/em grupo do CAPS (atividades expressivas, manuais, lúdicas e corporais), segundo depoimentos dos entrevistados, configurou-se de maneira essencial em suas vidas, pois os retirou da condição que consideravam como ociosa (muitas vezes pela ausência de ocupações relacionadas ao trabalho formal) conferiram novas formas de autopercepção, favorecendo uma possibilidade de aprender, de desenvolver habilidades e de ampliar o próprio repertório ocupacional, do contexto específico do CAPS

(institucional) para outros contextos (o usuário menciona a própria casa, um contexto natural dos sujeitos, ainda que se dê na instituição do grupo familiar, esse último é mais “natural”), como expuseram alguns participantes:

“Porque ficar em casa sem ter nenhuma ocupação como eu ‘tô’, sem trabalhar, sem fazer nenhuma atividade, às vezes (...) eu fico muito ansiosa e ociosa também... E vir pra cá, é muito importante pra mim... Porque eu acabo aprendendo nas atividades de grupo (...) Aprendendo com as outras pessoas, aprendendo a realizar algumas atividades...” (AGATHA); “(...) porque eu estando em casa eu sei que eu ‘tô’ estressado, que não tem nada pra eu fazer. Então eu sinto um pouco assim (...) inválido a minha pessoa”(MIGUEL); “A terapia, ela nos ajuda no seguinte: porque o que você faz aqui, você pode fazer em casa, porque você ‘tá’ aprendendo” (MARCIO).

Nascimento e Gaio¹⁹ afirmam que os grupos também estimulam a criatividade, favorecem o desenvolvimento de habilidades específicas e quando propõem ações focadas na produtividade, como no caso das oficinas, fomentam perspectivas relacionadas à geração de renda, proporcionando aos usuários o exercício da autonomia e independência, tanto na instituição como na vida. Esse fato pode ser evidenciado quando Agatha, usuária que participava também da oficina de sabonetes no CAPS, percebe nesse formato de atividade grupal a possibilidade de aprender uma atividade com potencial para a geração de renda.

Portanto, as ocupações são primordiais para a identidade das pessoas e são influências poderosas que fornecem significado à vida. Os valores e as utilidades atribuídas às ocupações desempenhadas são únicos. São percebidos pela própria pessoa que as desempenham⁷, sendo a identidade também é influenciada pela autopercepção.

As ocupações caracterizam o perfil de uma pessoa. Nessa perspectiva, a identidade é o senso de si mesmo que surge de forma gradual e está em contínua modificação²⁰. A identidade é, portanto, quem eu sou e o que eu desempenho na sociedade, enquanto que a identidade social é como o sujeito é visto pelos demais integrantes de seu grupo social. Logo, a identidade do indivíduo como trabalhador, inclui tanto a construção pessoal do propósito e significado do trabalho, quanto o nível do sucesso pessoal e coletivo, o que confere legitimidade pessoal e social a este indivíduo²¹.

O homem toma consciência de sua identidade através de suas relações com os outros. Isso significa que as pessoas formam sua identidade através de suas relações, contatos e, por que não, pelas ocupações diárias. Portanto, as ocupações são agentes poderosos que dão

significado a vida e facilitam a construção da identidade. Entende-se que um indivíduo é definido, em certa medida, pelas ocupações em que se envolve²¹.

Os grupos do CAPS se tornaram importantes, pois representaram um espaço onde esses usuários poderiam reencontrar antigas e/ou descobrir novas ocupações por meio de um processo de aprendizagem capaz de romper com os medos de mudanças. Brunello²² afirma que a participação nos grupos favorece a comunicação e a aprendizagem. Desse modo, compreendemos que o “fazer algo” para os participantes desta pesquisa, assumiu dimensão relevante na qualidade do viver e essa vivência pode estimular formas potentes de se relacionar com realidade e com os fazeres do dia a dia.

Os muitos significados atribuídos pelos usuários às atividades de grupo do CAPS, revelaram a potencialidade dessa tecnologia de cuidado, pois passaram a fazer parte de seu dia a dia, proporcionando bem-estar aos usuários, e assim, desvelando um caminho para refletir sobre o engajamento ocupacional nos/em grupos e por meio do/pelo grupo dos usuários de serviços como o CAPS.

Desse modo, é fundamental ampliar os espaços para que os usuários dos serviços de saúde mental possam expressar suas compreensões quanto aos significados atribuídos às atividades de grupo no processo de autonomia destas pessoas, além de entender que nas experiências pessoais nunca haverá apenas um significado, pois o significado corresponde a “[...] ênfase própria de nosso tempo em que se fortifica a introspecção do homem, a observação de si mesmo e se ressaltam questões antes passadas despercebidas [...]” (p.33)⁸.

3.2. Atividades grupais enquanto ocupação? Uma análise a partir dos relatos dos usuários do CAPS

Yerxa²³ descreve que etimologicamente, a palavra ocupação origina-se do latim *occupacio* ou *occupatione* e segundo Bueno²⁴ significa ato de ocupar ou de se apoderar de alguma coisa; invasão; manutenção; posse; emprego; ofício; serviço; e trabalho.

Ao compreender o homem enquanto um ser ocupacional e que, portanto, vive também para ou por meio de suas ocupações, torna-se relevante para ampliar o olhar sobre o estudo da ocupação humana, principalmente em um campo do conhecimento que privilegia as ocupações como produtora de viver: a Terapia Ocupacional.

É importante ressaltar essa pesquisa se ancorou em fundamentos da Ciência da Ocupação para delinear o entendimento que os usuários do CAPS possuíam com relação às

atividades de grupo, em virtude da abrangência que esse campo de conhecimento oferece para refletir sobre as ocupações.

Esta ciência se dedica a compreender as ocupações humanas²¹ e é considerada como “... uma nova síntese interdisciplinar de conhecimentos básicos sobre o ser humano, como um ser ocupacional” (p.3)⁶. As especificidades da Ciência Ocupacional estão centradas em dois eixos: na Terapia Ocupacional (da qual tem sua origem), na medida em que compreende os mesmos valores e ideias sobre as ocupações humanas; e na ciência, pois de forma marcante articula conhecimento científico com práticas clínicas de diversas profissões²³.

No que concerne aos achados deste estudo, considerou-se relevante discutir sobre as narrativas dos usuários, pois apontavam que as participações nas atividades de grupo se tornaram formas de ocupar mente e tempo, auxiliando-os na desvinculação (ainda que temporária) de seus problemas, repercutindo nos processos de cuidado. Portanto, acredita-se que estar inserido nessas atividades grupais do CAPS, dentre milhares de representações, também significa preencher o tempo desses usuários, como apontam os relatos a seguir:

“[...] a atividade distrai muito... Tem horas que a gente até esquece do nosso problema [...]” (CARMEN); “... É nas atividades, é nas oficinas, né? É nas participações, né? É nas pinturas, é nos desenhos, é nos artesanatos, é assim que procuramos ocupar nossa mente para termos um bom resultado!” (CHARLES); “[...] pra gente é uma terapia ficar fazendo aqueles trabalhos, é muito importante!... A importância que eu vejo é no melhoramento da gente, que a gente ocupa nosso tempo, né? Fazendo alguma coisa. Isso é muito bom! [...] É uma atividade que tu fica ali, tu esquece do teu problema, tu melhora muito! Eu gosto muito de participar das atividades, pra mim, eu me senti bem melhor participando!” (MARIA).

Enfatizar essas falas dos entrevistados se torna pertinente para discutir o uso (ou recriminação deste) quanto às terminologias na trama que envolve as ocupações, pois muitas vezes, ainda é visto com maus olhos por acadêmicos e terapeutas ocupacionais brasileiros os termos “ocupar o tempo”, “preencher o tempo” e/ou “ocupar-se”.

Fato este também relacionado à história da profissão a qual, segundo Lima e Okuma²⁵, a partir de 1990 passou a buscar maior fundamentação teórica frente às demandas políticas, sociais e do próprio conhecimento científico, pois vivenciava pressões como da ciência para fundamentar suas práticas. Essa busca naturalmente criou modos que descartavam e/ou recriminavam o uso de terminologias como as citadas anteriormente, no campo da Terapia

Ocupacional. Ao mesmo tempo essa fase influenciou no desenvolvimento e investimento em estudos na perspectiva dos fundamentos da profissão²⁶, panorama que de algum modo foi produtor de desconfortos no uso de certas terminologias como “ocupar o tempo”, “preencher o tempo” e/ou “ocupar-se”. Desconforto que ainda pode ser percebido na atualidade.

Contudo, a reflexão para um caminho que busque desconstruir o possível desconforto com os termos pode iniciar quando nos questionamos sobre o que as pessoas fazem todos os dias? Não estão ocupando/preenchendo seu tempo? Por exemplo, quando se está dormindo, não se está ocupando o tempo com o repouso? Quando se estuda, não se está preenchendo algumas horas do dia com o aprendizado de habilidades acadêmicas que podem envolver a ocupação com a educação?

Compreende-se que os termos “preencher o tempo”, “ocupar o tempo” e “ocupar-se”, como foi citado por alguns participantes desse estudo, não desqualificam as ocupações humanas, conseqüentemente, nem os interesses e modos de atuação do terapeuta ocupacional, uma vez que estar ocupado envolve o dia a dia das pessoas, sob diversos meios de exercê-las. As pessoas sempre estão em ocupações ao longo do tempo, por sua natureza ocupacional que é inata (Wilcock)²⁷ e que, portanto, lhe fornece necessidades de manutenção da saúde, bem estar, encontro de identidade pessoal e social, bem como, possibilita o reconhecimento dos sentidos e significados que cada ocupação terá.

Logo, a ideia de “ocupar-se de algo ou ocupar o tempo fazendo algo”, não devem ser vistos como termos inapropriados ou não importantes, pois quando o engajamento ocupacional está acompanhado de significados, as singularidades dessa experiência revelam-se e assim, preencher o tempo por meio de ocupações mostra sua riqueza.

Ann Wilcock foi uma das precursoras dos estudos em Ciência da Ocupação e inicialmente discutiu que a ocupação é um aspecto central da existência humana a partir das necessidades biológicas, sociais e culturais que os impulsiona a se ocupar, explicitando que na vida humana as ocupações são inatas por serem fundamentais da e para a existência homem²⁷.

O dia a dia humano possui muitos afazeres e inúmeras ações são desenvolvidas. As pessoas acordam, cuidam da higiene pessoal, fazem suas refeições, saem para pagar contas, vão à escola ou universidade, vão ao trabalho, às consultas ou aos espaços de terapia, administram afazeres domésticos, cuidam dos filhos, de outros familiares e/ou animais, desenvolvem atividades religiosas, esportivas, fazem passeios, vão a shows, visitam e/ou encontram-se com parentes e amigos, brincam, dormem, etc. Quando um novo dia chega, essas rotinas e ocupações podem ser mantidas ou modificadas, de acordo com uma infinidade de determinantes dos quais todos os dias as pessoas estão sujeitas.

As rotinas ocupacionais preenchem o tempo das pessoas e que há de comum entre quem as exerce é que todas as experiências ocupacionais estão carregadas de significados e são individuais. Logo, pessoas que executam uma mesma ocupação, darão significados diferentes para o que fazem. É possível encontrar algumas semelhanças, entretanto a subjetividade que envolve cada experiência humana permite um leque infinito de significados sempre tão particulares, tornando o envolvimento em ocupações uma permanente área a ser explorada.

Dickie²⁸ destaca que para a Ciência Ocupacional, ocupação é tudo o que as pessoas fazem para preencher seu tempo. Dessa maneira, entendemos que o ato de se ocupar é uma forma de preencher o tempo e nem por isso consiste em uma mera ação que não possui objetivo e significado, pelo contrário, demonstra que as pessoas buscam preencher seu tempo por meio de ocupações que envolvem experiências únicas, como foi relatado pelos participantes desse estudo, os quais afirmaram preencher seu tempo ocupando-se de seus cuidados em saúde mental, e nesse caso, através de atividades grupais em um CAPS.

Buscando compreender os significados das atividades de grupo para usuários de um CAPS, considera-se que as ocupações podem se revelar a partir do encontro da forma, da função (sentido) e do significado e “para conhecer a ocupação é necessário examinar o que os seres humanos fazem com seu tempo, como são organizadas [forma], quais são seus objetivos [função] e o que significam para os indivíduos e para a sociedade”. (p.16)²⁸

No que concerne à forma ocupacional, Espinosa e Gómez²⁹ afirmam que esta surge a partir da relação entre ocupação e ambiente, em que se destaca a identificação do que as pessoas fazem e em que conjuntura isso ocorre, relacionando esse fazer ao tempo, espaço e seu desempenho: são as características “visíveis” de uma ocupação, observáveis e que envolvem a realidade.

As atividades de grupo que envolveram os usuários entrevistados nessa pesquisa foram: Grupo de Expressão Livre, GRT, Grupo de Trabalho Corporal e Terapia Comunitária. Estes ocorriam semanalmente, com duração aproximada de duas horas e sempre dentro dos espaços do CAPS, onde se desenvolviam várias modalidades de atividades.

Essas descrições apontam a forma ocupacional das atividades em que os participantes da pesquisa estavam inseridos, pois as informações são explícitas, logo não necessitaram, diretamente, que os usuários as informassem. A inserção/ observação desses grupos no momento de coleta de dados da pesquisa foi suficiente para a identificação das informações que revelaram a forma ocupacional dessas ocupações.

Já a função da ocupação, segundo Carrasco e Olivares³⁰, constitui-se a partir da interação entre pessoa e ocupação, corresponde ao objetivo, à razão pela qual algo é realizado. O propósito de quem a realiza é expresso quando determinada pessoa realiza uma ação específica, que por sua vez é subjetivo, pessoal, ou seja, corresponde ao “para quê” a pessoa se compromete a realizar determinada ocupação.

Ainda que, nesta pesquisa, não se tenha lançado como objetivo inicial captar os sentidos dessas atividades foi possível apreender das entrevistas algumas possibilidades para esse fim, em que as atividades grupais funcionavam enquanto possibilidade de favorecer o processo de tratamento dos usuários, como descrito nos trechos a seguir: “[...] *Melhoramento pro meu tratamento, que eu já ‘tô’ bem melhor...*” (MARIA); “[...] *faz parte... do tratamento...*” (AGATHA).

Por sua vez, o significado ocupacional resulta da interação entre pessoa e ambiente, é um aspecto de caráter simbólico dentro da ocupação, pois diz respeito ao valor que cada pessoa fornece à sua ação, uma vez que depende da interpretação pessoal, a qual poderá ser referida exclusivamente por quem a vivencia, dado que é uma experiência interna e única e que, portanto, possui captação restrita por meio da observação.^{29,30}

“Tanto a forma como o desempenho são observáveis, porém as ocupações também possuem aspectos subjetivos que não são diretamente observáveis, eles são o significado, ou seja, o aspecto perceptual, simbólico e afetivo das ocupações” (Lillo e Castro, p.5)³¹.

No que concerne a este estudo, utilizou-se o tópico anterior para apresentar esses significados que se revelaram de modo geral como: alcance da saúde, ampliação da autopercepção, compreensão de suas experiências a partir da vivência do outro, resignificação do fazer, encontro de perspectivas de vida, compreensão do processo de adoecimento e suas repercussões, compartilhamento de experiências, extravasamento de sentimentos, preenchimento do tempo, além do enfrentamento e engajamento na socialização, espaços de convivência e aprendizado sobre as relações sociais.

A partir dessas conceituações e reflexões, considerou-se que pela qualidade de significações que os participantes dessa pesquisa designaram às atividades de grupo do CAPS e as considerações levantadas sobre a forma, função e significado ocupacional, as atividades de grupo são ocupações para os participantes do estudo, na medida em que envolveram tanto os contextos de vida dessas pessoas, quanto as outras formas de ocupação desempenhadas por eles, pois segundo a ciência ocupacional, uma ocupação pode ser entendida como o fazer cotidiano no qual se envolvem as pessoas e que tem uma forma, função e significado^{28,30}.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou compreender os significados que as intervenções grupais propostas no CAPS ganharam sobre o olhar de quem as vivenciava, permitindo refletir sobre ações desenvolvidas no campo grupal e no cuidado dispensado a essas pessoas.

Para os usuários do CAPS, o estudo propiciou a compreensão da maneira pela qual eles percebiam sua participação nos grupos. Observou-se que foi possível ampliar os espaços de expressão, e principalmente, favorecer um momento para que pudessem refletir sobre a assistência, os objetivos e significados de estar no serviço e particularmente, nas atividades de grupo.

Foi possível entender essas atividades sob um novo olhar, não apenas enquanto um recurso terapêutico, mas como uma forma de envolvimento ocupacional que torna os relacionamentos possíveis, leva a mudanças relevantes no processo de tratamento, proporciona o encontro e novas possibilidades. Permitiu, ainda, compreender a ocupação não apenas como um conjunto do fazer humano imerso em um contingente de ações prontas, finalizadas, mecanizadas, mas também, relacionada às singularidades, o que torna necessário conhecer a maneira como cada pessoa significa seus fazeres rotineiros.

A partir de uma fundamentação teórica (Ciência da Ocupação), que nasce dos pressupostos da Terapia Ocupacional, esse estudo consiste na possibilidade de discutir os diferentes modos de engajamento ocupacional das pessoas e de desenvolver um estudo exploratório no campo da Terapia Ocupacional.

Para tanto, o primeiro passo é apropriar-se de conhecimentos básicos com os seguintes questionamentos: Como ocorrem as ocupações? Por que as pessoas realizam as ocupações? Quais significados atribuídos a essas ocupações? Para que em outro momento e, utilizando como base essas compreensões primárias terapeutas ocupacionais, possam discutir sobre como intervir ou reavaliar suas intervenções nos diversos níveis de assistência em saúde, educação, cultura e assistência social. Portanto, esses questionamentos seriam pontos de partida para a intervenção terapêutica ocupacional.

Ressaltamos que se ancorar na Ciência Ocupacional não significa afirmar que esse campo de conhecimento possua os melhores ou mais corretos entendimentos para delinear a prática do terapeuta ocupacional nem os estudos sobre ocupação, mas sim que é uma possibilidade de compreender as ocupações sob uma perspectiva que amplie os conceitos relacionados ao fazer humano.

Araújo e Folha³² consideram que não há uma única forma de se fazer Terapia Ocupacional, uma vez que existem diversas formas de compreender o fazer humano, que são influenciadas pelo olhar que cada profissional terá sobre sua prática, sobre o contexto no qual a ocupação do cliente é desenvolvida, entre outros fatores.

Logo, afirmamos que a Ciência da Ocupação, neste estudo, permitiu refletir sobre as atividades de grupo realizadas pelos participantes do CAPS, enquanto ocupações significativas em suas vidas. Esse fato possibilita novos caminhos dentro da Terapia Ocupacional quando expõe a existência de outros tipos de ações, como a participação em grupos, ainda que temporariamente, e que podem ser consideradas como ocupações humanas e não apenas como processo de intervenção.

Por fim, compreendemos que as atividades de grupo ocupam muito mais que “só” o tempo. Os usuários engajam-se nessas tarefas e as consideram importantes, com significações únicas para cada um, com motivação, envolvimento e sentimentos próprios. Estas ações se tornam ocupações significativas e parte da vida dessas pessoas.

Referências

1. Santos S. **Grupo de família em um centro de atenção psicossocial (CAPS) II: Relato de experiência** [monografia]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2014.
2. Ministério da Saúde (BR). **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
3. Brunello MIB, Weffort CF. **Relato de experiência de um grupo de culinária em Caps**. In: Maximino V, Liberman F. Grupos e Terapia Ocupacional: Formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus; 2015. p. 2010-225.
4. Ministério da Saúde (BR). **Cadernos de Atenção Básica - Saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.
5. Maximino VS. **A constituição de grupos de atividades com pacientes psicóticos**. [tese]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas; 1997.
6. AOTA. **Estrutura da Prática em Terapia Ocupacional: domínio e processo**. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015; 26 (ed. esp.): 1-49.
7. Hocking C, Whiteford GE. **Interduction to critical perspective in occupational science**. In.: Hocking C, Whiteford GE. *Occupational Science: society, inclusion, participation*> Oxford: Willey Black Weel; 2012.

8. Gomez LS. **La ocupación y su significado como factor influyente de la identidad personal.** Revista Chilena de Terapia Ocupacional. 2003; 3(3): 43-47.
9. Minayo MCS. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
10. Pimentel A, Oliveira IB, Araújo L. **Pesquisa qualitativa: aplicações em Terapia Ocupacional e Psicologia.** In: _____. Pesquisas qualitativas em Terapia Ocupacional. Belém: Amazônia Editora; 2009. p. 25-37.
11. Rocha EF, Brunello MIB. **Avaliação Qualitativa em Terapia Ocupacional: princípios, métodos técnicas de coleta de dados.** In: _____. Cavalcanti A, Galvão C. Terapia Ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007. cap. 8, p.44-48.
12. Bardin L. **Análise de Conteúdo.** 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70; 2009.
13. Mielke F, Kantorski L, Jardim V, Olschowsky A, Machado M. **O cuidado em saúde mental no CAPS no entendimento dos profissionais.** Ciência & Saúde Coletiva. Porto Alegre; 2009. p. 14(1):159-164.
14. Maximino V, Liberman F. **Cenas em formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos.** In: Maximino V, Liberman F. Grupos e Terapia Ocupacional: Formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus; 2015. p. 10-26.
15. Frateschi M, Cardoso C. **Práticas em saúde mental na atenção primária à saúde.** Rev. Psico. Porto Alegre; 2016. 47(2): 159-168.
16. Santos AM, Assis MMA, Rodrigues AAAO, Nascimento MAA, Jorge MSB. **Linhas de tensões no processo de acolhimento das equipes de saúde bucal do Programa Saúde da Família: o caso de Alagoinhas, Bahia, Brasil.** Cad. Saúde Pública. 2007; 23 (1): 75-85.
17. Santos M, Silva R, Siqueira M. **Tecnologias leves presentes na atenção de usuários de drogas em internação.** Sau. & Transf. Soc., Florianópolis. 2016; 7 (2): 83.-92.
18. Schrank G, Olschowsky A. **O centro de Atenção Psicossocial e as estratégias para inserção da família.** Rev. a Esc. Enf. USP. 2008; 42 (1): 127-134.
19. Bedell GM. **Measurement of social participation.** In: Anderson, V, Beauchamp, MH. (Eds.), Developmental social neuroscience and childhood brain insult: Theory and practice. New York: Guilford Press. 2012. p. 184–206.
20. Nascimento A, Gaio D. **Possibilidades de recursos terapêuticos para pacientes psicóticos.** Cad. da Esc. de Saúde, Curitiba. 2016; 1(15): 81-95.
21. Jacobs K, Jacobs L. **Dicionário de Terapia Ocupacional.** São Paulo: Roca; 2006.

22. Brunello M. **Terapia ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade.** Rev. Ter. Ocup. USP. 2002;13(1):1-43.
23. Yerxa EJ. **Occupational Science: a new source of power for participants in occupational therapy.** Journal of Occupational Science. 1993; 1(1): 03-09.
24. Bueno S. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 2ª. Edição atualizada. São Paulo: FTD; 2007.
25. Lima EMFA, Okuma DG, Pastore MDN. **Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira.** Cad. Ter. Ocup. UFSCar. 2013; 21(2):243-254.
26. De Carlo, MMRP; Bartalotti, CC (Org.). **Terapia ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas.** São Paulo: Plexus, 2001. p. 19-40.
27. Wilcock AA. **A theory of the human need for occupation.** Journal Occupational science. 1993; 1(1):17-24.
28. Dickie V. **O que é Ocupação?** In: Crepeau EB, Cohn ES, Schell BAB. Willard e Spackman: Terapia Ocupacional. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011. p. 15-21.
29. Espinosa IM, Gomez PS. **Ocupaciones de tiempo libre: una aproximacion desde la perspectiva de los ciclos vitales, desarrollo y necesidades humanas.** Revista Chilena de Terapia Ocupacional. 2006; 6(6): 39-45.
30. Carrasco MJ, Olivares A. **Haciendo camino al andar. Construcción y comprensión de la ocupación para la investigación y práctica de la terapia ocupacional.** Revista Chilena de Terapia Ocupacional. 2008; n.8, p.5-16.
31. Lillo SG, Castro LR. **Ocupación: definición y concepto.** Revista Chilena de Terapia Ocupacional, Santiago. 2001; 1:5-7.
32. Araújo LS, Folha OAA. C. **Ocupación Humana y la practica de los terapeutas ocupacionales en la Amazonia en Pará: una perspectiva fenomenológica.** Revista Chilena de Terapia Ocupacional. 2010; 10:99-110.

* Artigo referente ao recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Qual o significado das atividades de grupo para usuários de Centro de Atenção Psicossocial? Uma compreensão da Terapia Ocupacional?”. Estudo envolvendo seres humanos em que foram respeitados os preceitos da Declaração de Helsinque e do Código de Nuremberg, bem como as Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Res. CNS 466/12) do Conselho Nacional de Saúde, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-CEP (protocolo de nº 010/2010). Sem fontes de financiamento e sem apresentação do trabalho em eventos científicos.

Contribuição das autoras: Gisely Gabrieli Avelar Castro: Idealizou o estudo, coletou, analisou os dados e escreveu o texto; Paloma de Lima Mendes Medeiros de Souza: Participou da revisão dos dados, organização das fontes e redação do texto; Airla Miranda de Souza: Participou da análise dos dados e redação final do texto; Victor Augusto Cavaleiro Corrêa: Participou da concepção, metodologia, redação final e foi orientador da pesquisa.

Submetido em: 31/10/2016

Aceito em: 12/06/2017

Publicado em: 31/07/2017